

Ouvido absoluto

A Donizete Galvão, in memoriam

A ária do êxtase: quantos decibéis o prazer é capaz de produzir? Mensurar a quantidade de ruído, reduzir o orgasmo a números aceitáveis. Foi assim que começou. Perseguiu as pistas sonoras dos casais, um detetive particular delirante, sim, agora pode parecer isso. Mas foi a única atividade dos últimos meses que lhe rendeu algum dinheiro de forma lícita.

Começou por incumbência da síndica de um prédio de classe média, indicado pelo zelador, por ser pessoa discreta, para realizar a tarefa. Surgiam reclamações. Homens e mulheres trabalhadores que para renderem bem desde as primeiras horas da manhã, evitavam o sexo durante a semana. Senhores e senhoras aposentados, ainda que pudessem começar mais tarde o seu dia, faziam o mesmo. Aparentemente não desejavam nenhuma atribuição que os tirasse da rotina levar o cachorrinho para passear, assistir a programas de culinária, ler o jornal, ver a novela. Além disso, todos, em unísono se preocupavam com as crianças. As que já tinham nascido há certo tempo, as recém-nascidas e as que ainda estavam por nascer (estas últimas, naturalmente, traziam a lembrança do sexo na carne, enquanto as primeiras deixavam-se mais facilmente seduzir pela curiosidade). Não seria bom nem saudável, sobretudo, não seria produtivo crescer num ambiente como aquele.

Transpirando ócio e intensidade, em horas cada vez mais longas, o edifício tremia. Quebrava a respiração ritmada dos cidadãos cumpridores dos deveres, perturbava o repouso dos meninos que contavam carneirinhos em vão. O sono não viria e se viesse, seria interrompido incontáveis vezes por gritos e gemidos.

Combater aquele desvario era, mais do que preciso, urgente, disse a síndica. O problema era conduzir tudo de forma discreta, evitar que a notícia de que providências estavam sendo tomadas se espalhasse. Por um lado, isso dificultaria a investigação, pois os infratores poderiam começar a ser mais cautelosos. Por outro, o caráter delicado do trabalho poderia sempre resvalar em protestos contra invasão de privacidade ou coisa parecida. O zelador concordou e disse que o melhor seria colher reclamações, reunir dados e, após levantamento dos suspeitos, deixar o caso com Dona Neide. Com jeitinho, a síndica poderia lembrar um item específico da convenção do condomínio: a proibição de barulho

após às 22 horas. Se a coisa não tivesse jeito, pediriam para administradora encaminhar uma multa aos acusados. Juvenal, o detetive, sairia de cena antes disso. Na verdade, seria como se não tivesse jamais estado lá.

- Ué, mas como vamos justificar o entra e sai desse sujeito, às altas horas da noite, justamente quando o movimento diminui... Um sujeito estranho, tão tarde, é claro que vai ser notado!

Juvenal percebeu, na hesitação da síndica, a possibilidade de rendimentos ameaçada. Era o momento de exalar profissionalismo, eficiência e controle.

- Vamos começar do começo... Dona Neide, a senhora não tem que se preocupar com isso, porque esta é minha parte - o primeiro passo de meu trabalho é pensar em um disfarce. O segundo passo, quando eu já estiver infiltrado aqui, é começar a organizar as informações, tabular os dados para garantirmos a solução do problema de forma sigilosa.

A síndica ficou satisfeita com sua conduta. Mas não podia dar o braço a torcer para não perder o status de legisladora suprema do edifício. Então resmungou “contanto que seja rápido esse trabalho; não temos dinheiro nem tempo a perder aqui”.

Juvenal não deu mostras de se abalar com a falta de tato da mulher. Disse que contataria o zelador por telefone, para acertar uns detalhes, e que começaria tudo na segunda. Enfatizou que normalmente cobrava por hora, mas pela natureza peculiar daquele caso, aceitaria fazer um preço por dia. E que descontos seriam dados caso o trabalho durasse uma semana. Despediu-se e saiu pelo portão de grades sem olhar para os moradores que acabavam de chegar. Queria evitar ser reconhecido quando voltasse.

Dia 1 - diário da investigação

Apartamentos suspeitos - 32, 41, 61, 62, 71, 72. Dona Neide mora no 51 e o subsíndico, no 52. Eles notam que os gemidos não parecem vir de longe, mas poderiam ser emitidos de uma distância maior do que apenas um andar. Por conta própria, já investigaram o 53 e não descobriram nada. O 54 está vazio, para alugar.

Meu disfarce é sobrinho do subsíndico, filho da sua irmã Helga, que mora no sul. O sobrinho, que existe mesmo, mas nunca veio visitar, tem nome gringo - Christian, Kristian... alguma coisa assim. O velho fala com um sotaque danado. Vão me chamar de Cris e eu vou ficar hospedado lá, no apartamento 52. Às

cinco da tarde peço licença para cochilar um pouco no quartinho de empregada. À noite vou ter que ficar acordado.

Dia 2 - diário da investigação

Não ouvi nada. Fiquei com medo de alguém pensar que bobeei, dormi. Mas Dona Neide e Seu Klaus também não ouviram nada. Passei o dia anotando alguns dados sobre o morador de cada apartamento dos andares próximos. De novo eu me programo pra dormir à tarde e acordar lá pelas dez da noite. Hoje, mesmo que não tenha barulho, vou andar por aí, dar uma xeretada.

Dia 5 - diário da investigação

Não tomei notas nos últimos dias. O prédio, à noite, parece uma igreja. Eu pude ouvir meus próprios passos pelos corredores. Começo a achar que me meti em uma enrascada, que essa Dona Neide é louca e que seu Klaus tem medo de contrariá-la. Será que são amantes? Ou será que ele é o tal, e traz alguma mulher pra cá?

Dia 7 - diário da investigação

Como fechei preço de uma semana, hoje acaba essa palhaçada e vou embora pra casa. Os velhos já me evitam, não sabem onde enfiar a cara. Já falei pro Zé que a mulher deve visitar um médico pra terceira idade, deve estar gagá. Mas o sujeito jura que até mesmo ele, do seu apartamentinho que fica no térreo e só tem uma janela estreita, ouve a pouca vergonha.

“O jeito é esperar, só se a história vazou e o casal resolveu parar com a putaria. Se recomçar, você tem meu telefone”. Uns três dias depois, ligam. A coisa começou de novo, logo depois que Juvenal saiu. Dona Neide faz questão de que ele volte para terminar o serviço. Combinam, então, um novo esquema: ele vai ficar no apartamento do Zé. Seu Klaus não pode nem desconfiar, porque o detetive acha que só pode ser ele que deu com a língua nos dentes. Agora volta na surdina. Chega deitado no banco de trás de um táxi, o Zé abre o portão da garagem. Sobe sem que ninguém o veja.

Dia 8 - diário da investigação

São dez e meia da noite e a coisa tá quente. Mesmo assim, seguro as pontas. Não quero por tudo a perder. Daqui de baixo ouço os gritos e gemidos que vem do alto. Ligo o gravador. Vou colher provas. Começo daqui, depois vou para a escada, subindo devagarzinho e gravando. Quando chego no terceiro andar, a barulheira está à toda. Dá para gravar bem a gritaria. Parece que vem do quarto andar ou ainda mais alto. O elevador vem subindo, não sei onde vai parar. Será que aqui? Desço a escada correndo. Fico esperando na garagem. O azar é que o portão automático começa a se abrir, vejo a luz do farol de um carro. Torno a subir. Ouço vozes no hall. Resolvo voltar pra casa do Zé. Ponho a gravação para rodar. Duas vozes: uma geme, a outra responde. Uma grita, a outra também. “Desliga esse troço! Amanhã faço plantão desde às seis!”

Às duas da tarde, a síndica e o zelador acordam Juvenal. Querem saber o que descobriu na noite passada. Várias reclamações chegaram, Dona Neide não teve sossego desde que o dia raiou. O detetive se irrita com a invasão de seu espaço de trabalho provisório, que se resume exatamente ao sofá da sala do Zé e da mesa de centro. Lá está a sua pasta executiva de couro com segredo. Talvez não fosse o caso de um fecho assim, pelo conteúdo pouco valioso, mas ele sente que isso lhe dá alguma respeitabilidade. Ali dentro guarda a sua carteira, uma pequena câmera, o bloco de notas, um toco de lápis, uma borracha gasta e uma esferográfica novinha em folha. Teve que comprar essa depois de ter perdido a sua caneta da sorte, que ficou de seu pai de criação como herança. Na verdade, perdido não... Juvenal estava certo de que a caneta de prata havia sido tirada furtivamente de sua antiga pasta, a que não tinha fecho de segurança. Foi daí que resolveu andar com a atual e se sentia mais tranquilo assim. No entanto, de todos os objetos que contavam para essa investigação, o mais importante estava exposto: o gravador digital. Teria adormecido sobre ele, quando o Zé lhe censurou pelo barulho durante a madrugada? Aparentemente sim, e esperava não ter apagado acidentalmente as suas provas. Pediu que Dona Neide voltasse em uma hora: precisava se lavar e comer alguma coisa, disse. Depois organizaria suas notas e gravações para conversarem.

Quando a velha saiu do cubículo acompanhada pelo Zé, esperou alguns minutos para ligar o gravador. Foi com alívio que ouviu os gritos e gemidos que começavam abafados e iam ficando mais altos, conforme ele subia a escada. Depois, a gravação parava subitamente.

Mas já era alguma coisa... Certamente poderia descartar definitivamente o primeiro e o segundo andar. De lá, certamente o barulho não vinha.

Dia 9- diário da investigação

Essa noite consegui chegar até a porta do 62 sem nenhuma perturbação. Tenho dez minutos de gravação que não deixam dúvida: o cara que mora lá é o tal Don Juan. Solteiro, 29 anos, trabalha como advogado em uma firma grande. Com certeza vai chiar quando for contatado, mas daí o problema é da Dona Neide. Sobre a mulher não consegui, informação. Aparentemente ele não tem namorada.

A síndica não aceitou a indicação de Victor, do sexto andar, como culpado. “Pois ele não tá no prédio já há dois dias... Todo mundo sabe, porque o rapaz tem um peixe raro, difícil de cuidar... Eu mesma já vi, chama anjo-imperador, imperador-borboleta... Uma coisa assim... E por causa disso, deixou a chave do apartamento vazio com o Seu Klaus, pra cuidar do aquário dele, enquanto ele estivesse viajando a trabalho. Sem cabimento, essa acusação não tem nenhuma base.”

Juvenal tentou argumentar: “mas, Dona Neide, se ouvir a gravação, vai perceber como o barulho fica mais alto bem atrás da porta dele!”.

Ela retrucou que ele poderia pedir as imagens da câmera de segurança do condomínio. “Só que já confirmei com os funcionários, ninguém viu o menino entrar ou sair nos últimos dias, o carro dele não está na garagem. Amanhã de manhã Seu Klaus vai lá dar comida pro peixe. Vamos pedir pra ele checar se alguma coisa saiu do lugar.”

Tudo estava intocado. E Juvenal confirmou a suspeita que o incomodava desde o começo da investigação: tinha aceitado aquele trabalho para fracassar. O ponto de partida era condenável, estava errado desde o começo. Começou uma impressão forte, como um pressentimento... A ideia o deixava arrepiado. E se estivesse sendo vítima de uma seita de fanáticos? Essas coisas nunca parecem claras ou lógicas, ele já tinha assistido a documentários de casos assim. As vítimas nunca percebem a sua perseguição porque acham que os verdadeiros psicopatas são pessoas confiáveis. Só isso poderia explicar o que estava ocorrendo. Chegou a considerar a possibilidade de um evento sobrenatural, mas a seita... parecia mais provável, sim. Coisas da Terra, não do Céu. O homem é o lobo do

homem. Não estava doido: é claro que o edifício todo não estaria lhe pregando uma peça. Só algumas pessoas: Dona Neide, Seu Klaus, o Zé, o Victor do 62, a Raquel e a Juliana do 71, o Marcos do 41... Nomes assim, aparentemente tão comuns e, por isso mesmo, cobertos com a capa da inocência. Nenhum Judas, Nero ou Salomé. Todos cidadãos com um endereço e com uma profissão. Aparentemente, também, idôneos, com uma reputação a zelar. Atraíram Juvenal como aranhas trabalhando juntas para tecer uma teia gigante, invisível... “Mas por quê? Querem me matar? Ou me acusar de algum crime já cometido por eles?” Resolveu sair dali o mais rápido possível. Aproveitou a mudança de turno, quando o faxineiro ficava na portaria para cobrir os quinze minutos de lacuna entre os funcionários que se revezavam no plantão, para deixar o prédio.

No fim daquela tarde, Dona Neide e Seu Klaus concordaram que, após um sumiço assim, sem falar com ninguém, Juvenal deveria mesmo ter abandonado o caso e deixado a pasta para trás só para despistar. Decidiram, então, abri-la. Desprezaram a carteira, pegaram o gravador e o bloco de notas. Depois de ouvirem dez minutos de gravação, só identificaram os passos do detetive e sua respiração ofegante. Começaram a ler o diário. Em seguida ao que escreveu no décimo-terceiro dia de investigação, as páginas ficaram em branco. Nenhuma nota ou prova conclusiva.

Dia 13 - diário da investigação

Não tenho mais desculpas pra eles. Será que devolvo o dinheiro ou simplesmente abandono o caso? Nas últimas três noites, não foi fácil. Cada vez entendo menos o que está acontecendo. O apartamento 62, segundo o que confirmaram, vazio, estava gemendo. E também o 61. Resolvi subir até o sétimo. Talvez, vindo de cima, o barulho se espalhasse e acabasse provocando esse efeito ou ilusão de que as vozes vinham de toda parte. Pude ouvir mais gemidos, longos, curtos, de homens, mulheres e crianças. Vinham do 71, do 72, do 73 e do 74. Pareciam vir do elevador também. Continuei subindo, gritaria geral. Enquanto subia as escadas, comecei a sentir o chão a tremer. Tinha dificuldade pra ficar em pé. Era como se o prédio chacoalhasse e, em outra situação, eu pensaria num terremoto. Tive uma ideia que poderia, ao menos, me dar uma resposta precisa - será que as pessoas que me contrataram também estariam envolvidas? Fui descendo e cheguei no hall comum entre o 51 e o 52. Os gemidos, que antes não obedeciam a uma cadência comum, entraram em uníssono. Gritos e sussurros foram se harmonizando, acelerando o próprio ritmo. Achei que ia vomitar. Corri para o apartamento do Zé, o único em silêncio. Estaria em serviço ou participava daquilo?. Quero fugir daqui, mas agora não posso. Melhor esperar até amanhã, me misturar ao

movimento do dia para não levantar suspeitas. Vou fingir que durmo como um carneirinho para o abate. Mas saibam disso, eu sei. Eu ouvi tudo: o prédio inteiro num fantástico orgasmo O barulho parou de repente faz dez minutos. E vocês, seus nojentos, todos juntos, ao mesmo tempo, como o coro do Edifício Sodoma, se calaram depois de um gigantesco AH!